

# ARGUMENTO



Distribuição  
Gratuita

boletim informativo  
**CINE CLUBE DE VISEU**

9

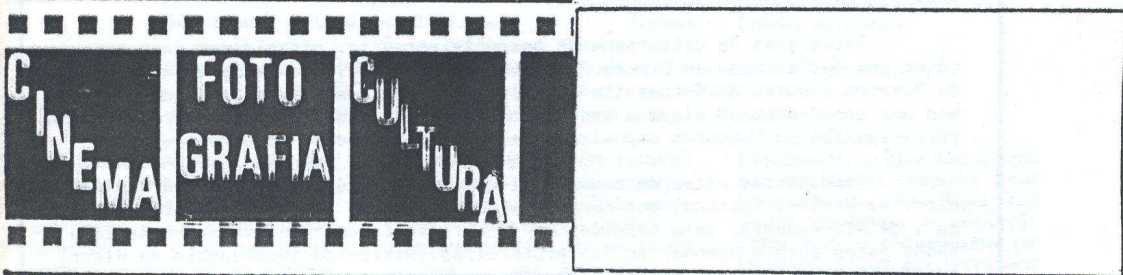
MENSAL

Largo da Misericórdia, 24 - 2º

Apartado 102

3502 VISEU Codex

AVENÇA



## OS ELEITOS

A CIDADE BRANCA

A MULHER EM CHAMAS

O Senhor dos Anéis

## ARGUMENTO Nº9

Janeiro de 1986

Reprodução dos textos sujeita a autorização prévia do CCV.

# ÍNDICE

---

**1**

## **GENÉRICO**

**2**

**CICLO DE CINEMA EM JANEIRO:  
OS ELEITOS, DE PHILIP KAUFMAN; A CIDADE BRANCA, DE  
ALAIN TANNER, A MULHER EM CHAMAS, DE ROBERT VAN  
ACKEREN.**

**3**

## **CINE CLUBISMO: ONTEM, HOJE E... AMANHÃ**

André de Oliveira e Sousa – Presidente da Direcção da Federação Portuguesa de Cine Clubes

**4**

## **A MARATONA**

José Fernandes

Alguns dos assuntos que constam no índice não foram desenvolvidos em texto no boletim original, e por essa razão não reproduzimos mais informações além de os elencar.

# 1 GENÉRICO

As comemorações do nosso 30º Aniversário decorreram por todo o mês de Dezembro sem pompa mas com muitíssima circunstância. Realizámos a VIII Semana de Cinema Português, em que tivemos oportunidade de conhecer as novas tendências e avaliar do estado (de saúde?) do novíssimo cinema português. Seria interessante que algum sócio - já que mostrámos quase todos os filmes realizados nos últimos anos em Portugal - metesse mãos à obra e fizesse um diagnóstico da situação e qualidade do nosso cinema, texto ou textos que publicaríamos, com todo o gosto, num próximo Argumento.

Integradas na celebração do nosso Aniversário, organizámos duas exposições: uma de Cartazes do Cinema Português, no Auditório da Casa-Museu de Almeida Moreira e outra de Fotografia na Galeria da Comissão de Turismo, onde fizemos uma amostragem de algumas excelentes fotografias das mais de quatro centenas participantes no Concurso organizado pela nossa Secção de Fotografia.

Como pontos altos da nossa "Aniversariaração" queremos salientar as duas estreias a nível nacional por nós executadas: a 16 de Dez., "Movimento em Falso", de Wim Wenders, obra excelente de 75, filme incompreensivelmente deixado todos estes anos a apanhar pó nas prateleiras. Mistérios insondáveis da distribuição nacional que tem destas bizarrices.

Em 21 de Dezembro, estreámos "Máscara", de Peter Bogdanovich, docudrama rigoroso sobre o universo dum adolescente com a morte a prazo e o rosto desfigurado por uma doença rara. "Máscara" é um filme rigoroso mas sem a chispa de generalidades.

Imediatamente a seguir à projecção deste filme, organizámos uma confraternização de sócios do C.C.V., onde foi possível o convívio e melhor conhecimento entre as sucessivas gerações de viseenses que têm mantido vivo este Cine Clube, ao longo de três décadas. Mais declaramos que o arroz de pato estava excelente.

Este serão foi realizado na magnífica sala da Associação Comercial, querendo o C.C.V. deixar aqui expresso o agradecimento à boa vontade e espírito de colaboração da Direcção daquela Associação.

Além das actividades já referidas, organizámos, em colaboração com a ACERT, de Tondela, a apresentação de dois espectáculos de teatro: a peça "Amar, Verbo Intransitivo", de Mário Andrade e produzida pelo grupo brasileiro Arte Livre. Este espectáculo terminou com um movimentado diálogo que revelou uma surpreendente preocupação/fixação do público sobre o (sub) produto telenovelesco brasileiro. Na nossa opinião (modesta, claro!...), a telenovela brasileira não é assim tão importante até porque, usualmente, só passa na nossa inefável RTP uma de cada vez e com descanso aos fins-de-semana. A acabar o ano em beleza, proporcionámos o visionamento dum peça "made in Tondela", pelos nossos amigos da ACERT, Associação Cultural com quem o C.C.V. tem mantido uma constante e frutuosa colaboração. A peça infantil "Cor de Burro Quando Foge" é um trabalho imaginoso, divertido, com soluções narrativas que são um achado. O público, maioritariamente infantil, saiu deliciado.

"Ano Novo, Vida Nova"

Aqui apeteceu-nos fazer um bocado de jornalismo agora muito na moda, colocar títulos não coincidentes com o corpo do texto. Porque o C.C.V. não vai introduzir grandes novidades na sua actividade; vamos continuar a divulgar muitos e bons

filmes, multiplicar os discursos sobre cinema, continuar a actividade Secção de Fotografia, lançar as bases para uma Secção de Vídeo e Cinema não Profissional. Para começar, em Janeiro, propomos aos sócios três filmes: "Os Eleitos", "A Cidade Branca" e "Mulher em Chamas". Estes três filmes têm um denominador comum: são bons.

Você, SÓCIO, NÃO OS DEVE PERDER.

### 3

## **CINE CLUBISMO: ONTEM, HOJE E... AMANHÃ**

Um grupo de pessoas que se junta para ver um filme em silêncio, tendo recebido alguns textos sobre ele e que no final o discute, numa discussão espontânea ou organizada.

Um grupo de pessoas que organizou essa projecção e elaborou os textos, sem receber nada pelo seu trabalho, porque o fez por gosto.

Uma associação que possibilitou isso e onde as pessoas de ambos os grupos se integram.

É um cineclube.

Tudo isto começou em França, há longos anos, em 1921, quando Louis Delluc, crítico e realizador cinematográfico lançou a ideia: "Já que existem clubes disto e daquilo porque não formar um clube de amigos do cinema?"

Nasceu assim o primeiro cineclube (portanto, como uma associação de cinéfilos).

Seguiram-se-lhe, pouco depois, o C.A.S.A. (Club des Amis du Septieme Art) e o Cineclube de France.

O movimento rapidamente cresceu, atravessou as fronteiras francesas e chegou a Portugal, onde se fundou um cineclube em Lisboa e outro no Porto, este último sob a designação de Associação dos Amigos do Cinema, isto em 23/24, portanto, pouco depois dos primeiros cineclubes franceses (mas que pouco duraram).

Com o advento do Nazi-fascismo, o movimento cine clubista europeu conheceu uma recessão, não sem que tivesse um primeiro congresso, em 1929, no Castelo de la Sarraz, na Suíça, com a presença de destacados representantes de 13 países. Nomes ainda hoje conhecidos lá estiveram: Cavalcanti, Bela Balasz, Léon Moussinac, Hans Richter, Walter Ruttmann, Eisenstein, Tissé e Alexandroff. Não foi contudo já aí que se conseguiu fundar a Federação Internacional de Cineclubes.

Foi só após o final da II Grande Guerra, com a consequente vitória sobre as ideologias anticulturais que a provocaram, que o movimento cine clubista teve grande incremento, quer em Portugal, quer no resto da Europa.

Em 1945, fundava-se o Club Português de Cinematografia (Cineclube do Porto), seguido, pouco depois, pelo Círculo de Cultura Cinematográfica (Coimbra), Belcine (Lisboa) e Círculo de Cinema (Lisboa).

Foi, precisamente, como delegado destes cineclubes que Manuel de Azevedo esteve no congresso fundador da Federação Internacional de Cineclubes, realizado durante o Festival de Cannes em 1947, tendo então sido eleito para os seus primeiros corpos gerentes.

Mas, mais importante do que estes pormenores históricos é saber-se que, desde o início, os Cineclubes estiveram associados à crítica cinematográfica e ao cinema independente (entenda-se, cinema independente dos gostos dominantes e dos

interesses comerciais). Antes da primeira associação, já em 1919, tinha o mesmo Louis Delluc fundado um jornal com o título precisamente de "cineclube" e os apoiantes dessa primeira associação foram nomes da I Vanguarda Francesa, como Ricciotto Canudo (fundador do C.A.S.A.), Germaine du Lac (realizadora de "La Fête Espagnole") e Léon Moussinac.

Fazendo já a transição para os nossos dias, não será despropositado afirmar que cineclubismo, Cinema independente (incluindo cinema amador de qualidade) e imprensa cinematográfica, andam, devem andar, de mãos dadas.

No entanto, com o advento das novas tecnologias (televisão e vídeo) e as próprias alterações sócio-culturais, os cineclubes não se podem manter como nos anos 40.

Será realista um cineclubes ignorar a televisão e o imenso potencial dos videogramas?

Será de se continuar a restringir o conceito de cineclubes a associações culturais independentes exclusivamente dedicadas ao cinema?

Quanto à primeira questão, pode-se afirmar que os filmes continuam, embora com suportes e meios de difusão diferentes. O ideal teria sido ver "A Dama de Xangai". tal como a concebeu Orson Welles, em película de 35 mm, mas isso não é razão suficiente para nos desinteressarmos pela sua exibição na televisão. Uma cópia de uma longa-metragem em 16 mm custa mais de cem mil escudos, o mesmo filme, em suporte vídeo, pode-se conseguir por vinte vezes menos.

Quanto à segunda questão, numa pequena localidade, com poucos meios e potenciais interessados, uma associação cultural polivalente poderá ser mais viável que um cineclubes clássico. A cultura é uma só, podendo, no entanto, revestir diferentes aspectos.

O que não se adapta tende a desaparecer, os cineclubes terão que se adaptar.

Talvez não esteja longe o tempo em que os cineclubes possuam videotecas que permitam aos sócios escolher os filmes que querem ver e acompanhar os respectivos debates pela visão fragmentada dos filmes em causa, como uma ilustração. A projecção vídeo já é uma realidade, trata-se agora apenas, de melhorar a sua qualidade. O que já se consegue no Japão, com vídeo de alta definição. A idêntica possibilidade de projecção em ecrã da imagem da televisão, poderá levar a que os sócios dum cineclubes se reúnam, em tele-foruns, para ver em conjunto e discutir os filmes exibidos na televisão.

Talvez os cineclubes do futuro sejam mais pequenos, 15 a 20 pessoas, mas todas interessadas e activas, praticando a democracia directa e acabando a dicotomia dirigente/associado.

Talvez os cineclubes do futuro sejam constituídos por cinéfilos de gosto idêntico que se agrupem por géneros cinematográficos, como aquele cineclubes francês que só passa cinema americano...

Talvez os cineclubes do futuro sejam muito diferentes de qualquer coisa que possamos imaginar.

Uma coisa me parece certa, enquanto houver cinema haverá cineclubes.

© **André de Oliveira e Sousa**

## 4

# A MARATONA

8 de Novembro: É tempo de falar da 3ª surpresa que me aconteceu neste I Festival de Cinema de Tróia: O Cinema Brasileiro. Vi "Memórias de Cárcere" de Nelson Pereira dos Santos: uma grande produção, que nos leva, através da autobiografia de Graciliano Ramos, ao cárcere e ao degredo, onde a luta pela sobrevivência se torna dramática. Depois foi "Avaeté, A Semente de Violência", de Zélio Viana, no dia 6/11: um filme que nos fala do extermínio dos Índios e da luta que algumas pessoas, neste caso ligadas à Igreja, desenvolvem. Por último o filme de hoje: "Cabra Marcado Para Morrer" de Eduardo Coutinho, o filme vencedor do Festival, que, sendo um belo filme, ninguém o nega, não é um filme para vencer um Festival deste tipo. O filme narra-nos, em forma de documentário o retomar de um projecto de filme, que, esse sim, ficcionado, relatava o assassinato de um camponês.

O filme com um ritmo espantoso, leva-nos ao encontro dos actores do filme original, que também eram camponeses, nomeadamente a mulher e seus onze filhos.

Ainda no dia 8 foi exibido o filme "Mishima" de Paul Schrader sem legendas e com diálogos em japonês, que não permitiu uma apreensão completa do filme, tendo, no entanto, pela sua beleza plástica, deixado boa impressão. Um filme a rever.

No dia 9 - Sábado - destaque para "Maria - Nap", de Judit Elek (Hungria): um conflito no centro de uma família que a guerra havia destruído e que estala por altura do reencontro na festa de anos de Maria.

Um destaque negativo para o último filme de Marco Ferreri, "Storia di Piera". Último dia, o dia mais esperado, com o filme "Ran", de Akira Kurosawa, que, sendo a produção mais cara do cinema japonês, é também um filme que ficará na história do Cinema: um filme "monumental", complementado com um filme de Chris Marker- "A.K." -sobre a rodagem de "Ran".

Parabéns organizadores do I Festival Internacional de Cinema de Tróia.

Até ao II Festival...

© José Fernandes